



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA

DE PASTORINHO A PINTOR CÉLEBRE



STAVAMOS no século XIII... Por uma das estradas dos arredores de Florença (Itália), caminhava, em ar de passeio, um indivíduo ainda no-

ção e entusiasmo, fazendo, desde logo, a promessa de indagar do primeiro aldeão que encontrasse, a identidade do autôr de tão curiosos desenhos.

Aquela hora todos os habitantes do lugar estavam entregues aos seus trabalhos, e, assim, não se afigurava possível ao artista satisfazer a sua curiosidade.

— «Oh! mas está ali o autôr, evidentemente!»

— exclamou, súbitamente, de si para si Cimabué, ao deparar um rapazinho que, à beira do rio Arno, desenhava na areia, com um cajado, enquanto, um pouco mais adiante, pastava um rebanho de cabras, sob a vigilância dum cão.

O pastorinho estava tão absorvido nêsse trabalho que nem dera pela presença do artista colocado por detrás dêle, e que seguia, entre admirado e comovido, os seus traços, ora vigorosos, ora suaves. O pequenito conseguira reproduzir, com muita verdade, uma das cabras, deitada à sombra dum velho carvalho.

— «Há uma hora que te observo com a maior atenção — (exclamou Cimabué), quebrando o silêncio e batendo,

amigavelmente, no ombro do pastorinho. Depois, olhando de novo o desenho, exclamou, sorridente:

— «Mas isto está magnífico! Está muito bom! Quem é o teu mestre?»

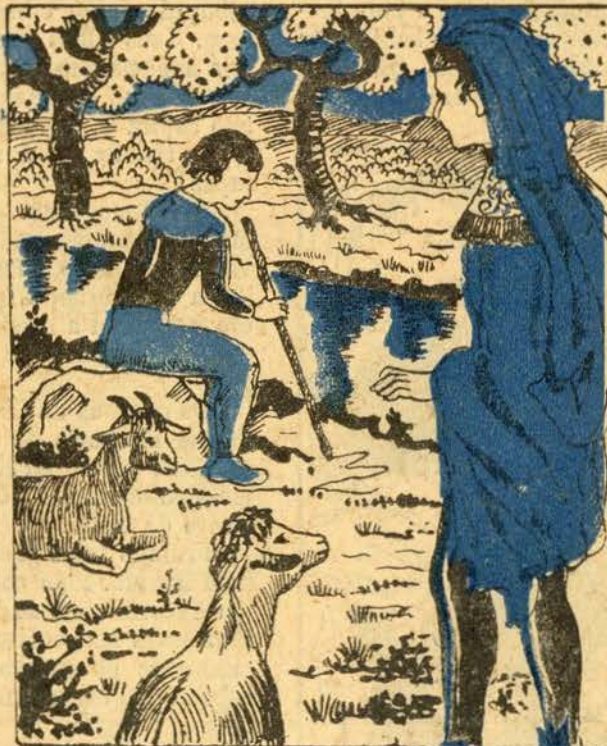
Admirado daquele imprevisto elogio, e muito confuso, o rapazinho balbuciou:

— «Ninguém, meu senhor. Faço isto para me entreter...»

vo, de farta cabeleira, chapéu de ábas largas, olhar franco e inteligente. Era o pintor Cimabué, fundador da escola florentina, um dos mais notáveis artistas da sua época.

Ao passar junto do muro duma das muitas herdades, que ali existem, estacou admirado e, durante alguns minutos, observou, com a maior atenção e decidido interesse, as figuras nele desenhadas. Representavam uma cabana de côlmo e algumas árvores. Andando mais uns passos, tornou a parar. Novos desenhos se lhe apresentavam, uns a carvão, outros a giz. Agora era um belo cão preto, bastante expressivo, depois um rebanho de cabras em várias posições, e, logo a seguir, uma paisagem... Um verdadeiro museu no meio daquele descampado!

— Mas têm, realmente, valôr êstes traços! — exclamou para si o artista, num mixto de admira-



— «Mas está realmente bem feito! Como te chamas?»

— «Ambrogio Giotto».

E prosseguiu o diálogo;

— «Dize-me, Giotto, gostavas de aprender desenho e pintura?»

— «Gostava imenso, meu senhor, mas não é possível. Meu pai é pobre; só me tem a mim para guardar as cabras e trazê-las ao pasto...»

— «Tudo se conseguirá. Vem comigo».

Ambrogio juntou os animais e foi-os conduzindo até à cabana, enquanto falava com Cimabué. Este, cada vez mais entusiasmado com os modos delicados do pequeno pastor e as suas aspirações artísticas, foi-o pondo ao corrente dos projectos que já alimentava a seu respeito.

Lorenzo — (assim se chamava o pai de Giotto) — mal cabia em si de admirado ao ver regressar o filho tão cêdo, e, mais ainda, por ele vir acompanhado dum cavalheiro tão distinto.

Posto ao corrente dos desejos de Cimabué, o bom homem abriu, desmesuradamente, os olhos, pensando que estavam caçoando com ele.

— «Mas o que o rapaz rabisca, são uns borrões sem jeito, coisas parvas em que perde o tempo...»

— «Nada disso, meu amigo — (atalhou o pintor). — Os desenhos de Ambrogio, que casualmente vi, são cópias quasi fieis desta cabana, daquelas árvores, do cão, do rebanho, das cabras... As figuras têm expressão, o traço é firme e bem lançado. Seu filho manifesta verdadeira habilidade e afianço-lhe que farei dêle um artista. Será, então, muito apreciado, ganhará bastante dinheiro



podendo dar a seus pais uma velhice tranquila e feliz...»

— «Mas nós somos pobres, senhor, e os estudos são caros...»

— Quanto a isso não lhe dê cuidado — (repliquou, prontamente, Cimabué). — Eu sustentarei e vestirei Ambrogio, cuidando, ao mesmo tempo, do seu ensino no meu «atelier». Dentro de poucos

anos o senhor sentirá legítimo orgulho de seu filho.»

Convencido, Lorenzo deixou partir o pequeno. Este não cabia em si de contente, não tendo limites o seu espanto ao entrar no gabinete do pintor. Ia dos quadros concluídos, às telas apenas



esboçadas, num crescente entusiasmo, quasi loucura. Seus olhos faiscavam, traduzindo uma alegria anunciadora dum génio em formação.

Cimabué examina-o atentamente. Depois, aperta-o contra si, exclamando:

— «Hás-de vir a ser um grande artista, meu rapaz!»

Assim sucedeu. Aproveitando das lições do mestre, o antigo pastorinho era, em breve, um rival do próprio Cimabué, que com isso se orgulhava e enternecia, pois, além de ser um génio, era insensível à inveja e sentia sincera satisfação com os progressos e a justa fama do seu protegido.

Os quadros de Giotto eram apreciadíssimos, e depois da morte de Cimabué, foi considerado o primeiro pintor da Europa. E' dêle o quadro em mosaico existente sobre a porta da igreja de S. Pedro de Roma.

Fruindo tanta glória, não foi nunca orgulhoso nem ingrato. Pelo contrário, sempre se manifestou reconhecido ao seu protector e a seus pais. Para estes fez construir uma bela habitação, precisamente no mesmo local onde existira a pobre cabana, em testemunho da sua humilde meninice.

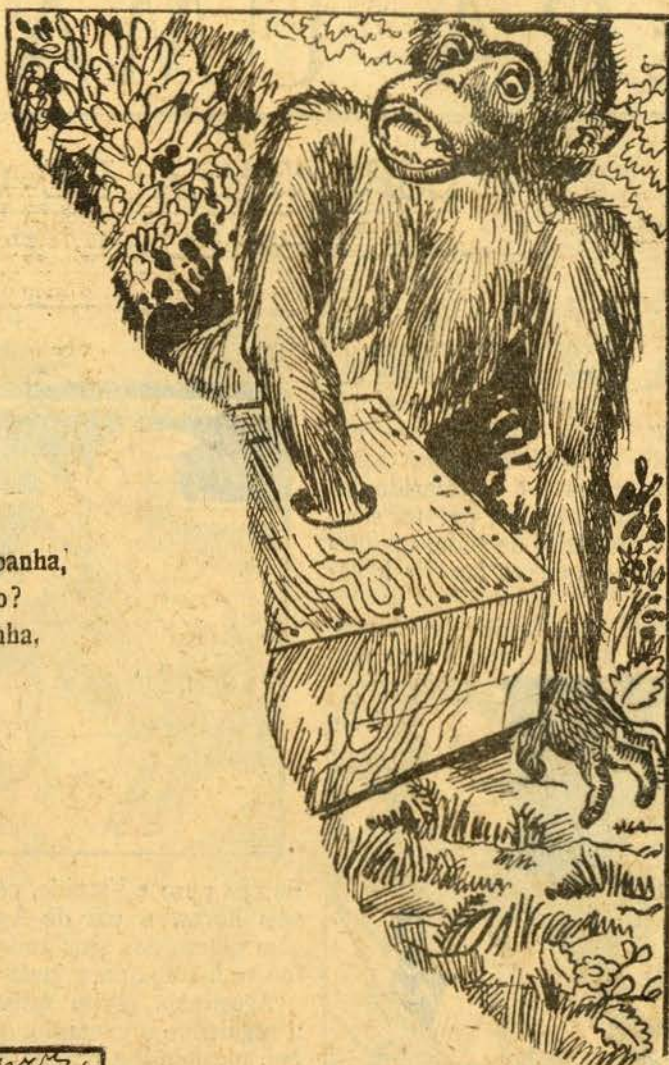
Aqui tendes, pequenos leitores, quanto pode conseguir aliado ao talento, o amor ao estudo e a vontade de triunfar. Com esses predicados, Giotto passou de simples pastorinho a artista célebre.

Querer é vencer!

O MACACO E A AMBIÇÃO

Da tradição popular

Por AUGUSTO de SANTA-RITA



MENINOS: — qu'reis saber como se apanha,
muitas vezes, em Africa, um macaco?

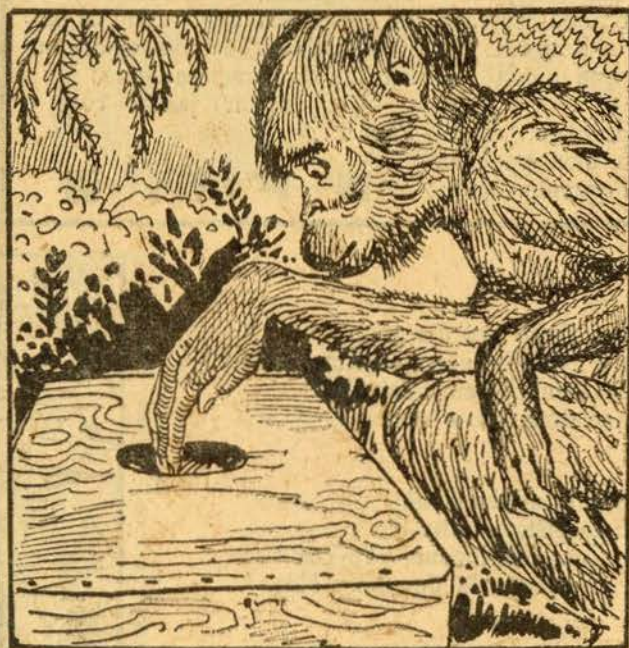
— Faz-se uma ratoeira, uma artimanha,

caixa que tem na tampa um só buraco,
pela qual pode entrar a mão aberta
do macaco; fechada, já não cabe.

Põe-se dentro de milho uma porção,
que é das comidas a que melhor sabe
ao paladar do dito macacão,

e, logo, o caçador se põe à alerta...

Pelo milho atraído, o mono acorre,
mete a mão no buraco, ávidamente,



já não pode sair e não lhe ocorre
largar o milho, em tal sofreguidão,
para salvar-se, pois que não discorre,
ou não fôsse o que é: — um macacão!

Vendo-se prêso, o mono gincha, berra...
Vem, nisto, o caçador deita-lhe a mão;
mas nem assim o punho êle descerra,
tal a sua cobiça e ambição!

Isto mesmo acontece, muita vez
a alguns ambiciosos, na verdade,
que por sofreguidão, ânsia, avidez,
sacrificam a própria liberdade!

enchendo-a do manjar pelo qual morre
e então, com ânsia, puxa-a inutilmente.
Fechada, a mão, pelo buraco estreito,

■ FIM ■

ERA UMA VEZ...

ESPERTEZA DE CRIANÇA

por MANUEL PEREIRA

AGOSTINHO é um bonito e engraçado pequeno de dôze anos, bastante desinquieto e deveras traquinas. Tem, contudo, um excelente coração. Bastante caprichoso e esperto, é o preferido dos seus companheiros, por ter sempre, a propósito de tudo, um dito engraçado que os faz rir à gargalhada.

Numa bela tarde de Março, como a de hoje, fria e sêca mas



de céu puro e límpido, cerca das seis horas, o pai de Agostinho, com algum dos seus amigos, sentou-se à mesa para jantar.

Agostinho, muito satisfeito, ia a seguir-lhe o exemplo, quando o pai, tocando-lhe, brandamente, no ombro, lhe diz: — «Retira-te. Tu jantas além, porque ainda não tens barba.»

Agostinho, humilhado, cabisbaixo, senta-se a uma pequena mesa, onde a sua querida Mãezinha

lhe serve boas e apetitosas iguarias.

Precisamente quando estava a saborear tam delicioso jantarrinho, a «Felpuda», gatinha francesa, muito gulosa, foi colocar-se junto de Agostinho que, vendo os monumentais bigodes do seu comensal, lhe diz, graciosamente:

— «Podes ir jantar com o Papá!...»

■ FIM ■

O aniversário de Bèbé

Por MARIA EMILIA PEDROSO

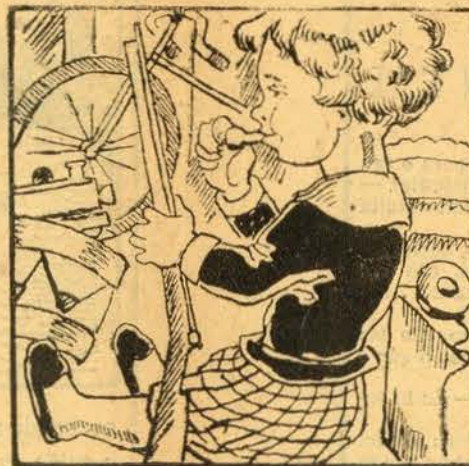
Há quanto tempo o Bèbé perguntava aos pais e manos: — «Quando é o dia... quando é em que eu hei-de fazer anos?!»

Ei-lo chegado o tal dia! O Bèbé está radiante! Já recebeu duma tia um tambôr e um elefante.

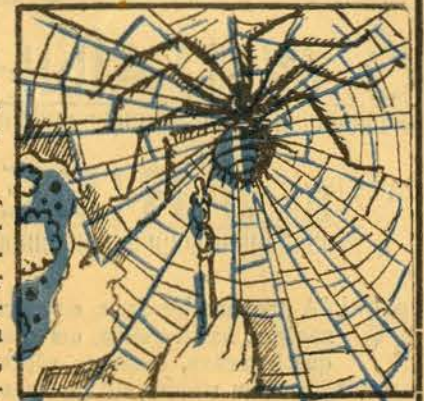
Deu-lhe o avô um apito e a avôzinha um arlequim, um boneco bem bonito, que dizia não e sim.

Sua priminha Nôô uma pistola catita, o Zeca deu-lhe um «Yo-Yo», e a espingarda deu-lhe a Nita.

A Nela, com muito amôr, ofertou ao Bèbézinho uma máquina a vapor, um «Sempre em pé» e um moínho.



A ARANHA



NUM certo país, havia, outrora, uma fiandeira cujos trabalhos, maravilhosos, impressionavam o mundo inteiro. Usando linhas do arco-íris, ela chegava a atrair gente dos mais longínquos países, sendo todos unânimes na convicção de que aprendera com Athenas — fada da Sabedoria.

Entretanto, a fiandeira, que era orgulhosa e frívola, afirmava, com excessiva vaidade, que ninguém a ensinara e que poderia tecer tam bem como a própria Athenas ou, talvez mesmo, melhor.

Certo dia, porém, uma velhi-

nha aconselhou-a a não desdenhar da fada, o que levou a orgulhosa fiandeira a repeli-la, repetindo que poderia competir com Athenas, numa prova pública e acrescentando: — «Se eu perder que seja castigada! Estou, todavia, absolutamente convencida de que Athenas terá medo de tecer comigo!»

Então, a velhinha, que outra não era senão a própria Athenas, tirou o disfarce e disse-lhe:

— «Orgulhosa fiandeira, contempla-me! Sou Athenas! Vamos lá trabalhar! Experimenta pôr toda a tua habilidade a par do meu saber!»



Athenas teceu, então, as mais lindas e nobres imagens num pedaço do Céu.

A fiandeira teceu, também, com talento, mas os seus desenhos reproduziam, contudo, o seu despeito e egoísmo. Ao contemplar o maravilhoso trabalho da fada, viu bem que estava vencida.

Envergonhada com o seu proceder, pediu à fada que a matasse mas esta respondeu-lhe: — «Não

(Continua na página 7)

E tantos, tantos brinquedos continua a receber, que, nas horas de folgedos, nem bem sabe o que escolher.

Um tricicle, mas que encanto, que prazer teve em tal hora! Deu-lho o pai que o ama tanto e a Mãezinha que o adora!

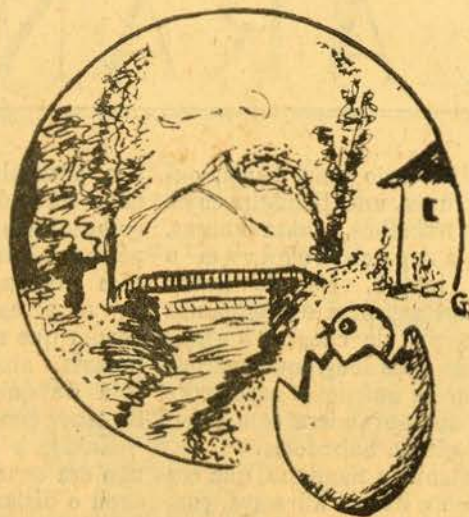
Teve tamanha alegria com esta prenda o petiz que, após, vendo-o, todo o dia, a pedalar, a Mãe diz:

— «O' Bèbé vamos jantar! Anda, vem, não sejas mau!»
Responde êle, a pedalar:
— «Mãezinha, ando-me a treinar, vou bater o Nicolau!»



O PINTAÍNH0

E O RIBEIRO



NUMA pequena herdade, em certa aldeia, nascera, havia pouco, um pintaíinho, que brincava, contente, sôbre a areia, na márgem dum ribeiro, ali pertinho.

A água clara, luzindo ao sol ardente, ia dando nos seixos e cantando, enquanto o pintaíinho, ingénuamente, olhava para a água, murmurando:

— «Onde irás tu, assim, tão linda e clara, furtando às ervas lindas, lindas côres?!
— «Eu vou, cantando, dar mais vida à seara... cantando, vou matar a sede às flores.

— «Quem me dera ir contigo e ver, também, as coisas lindas que há pelo caminho!... Espera; vou fugir à minha mãe e irei, no teu regaço, de mansinho.

Mas, nisto, acode a mãe, adivinhando as intenções do filho pintaíinho, que, numa casca d'ovo, navegando, pretendia seguir o ribeirinho,

E disse-lhe: — «meu filho, atenta bem... As águas que te levem, brandamente, são lindas, é verdade; vê, porém, que não podes seguir afoitamente!

Inda te falta a prática, a exp'riência e ouvir falar aqueles que são velhos, que aprendem a viver, tendo prudência e podem dar-te, emfim, belos conselhos».

Ouvindo-a, o pintaíinho, olhando a água que corria, falando, no ribeiro, ficou-se junto à mãe, cheio de mágoa e prometeu ficar no seu terreiro,

dizendo para si: — «Tendes razão;» e, sôb a asa materna, ei-lo contente!

.....».....

Aproveitai, meninos, a lição, e sede, com êle, obediente!

JULIÃO SELVAGEM

CONCURSOS MENSAIS

DE POESIA e CONTOS INFANTIS

CONFORME prometemos aos nossos queridos leitores, iniciaremos no próximo número uma nova série de CONCURSOS DE POESIA E CONTOS INFANTIS que constituirão um belo estímulo a todos aqueles que, dotados de vocação literária, embora principiantes, sentem o natural e louvável desejo de patentear, publicamente, o seu valor.

Além dos prémios tentadores que atribuiremos aos classificados em primeiro lugar e cuja enumeração faremos nos próximos números, daremos a todos os concorrentes, que tal distinção mereçam, a compensação de verem os seus retratos publicados e, bem assim, as suas composições.

ANEDOTA INFANTIL POR ACILEGRA

— «Joanito, Joanito!... — (gritava Ofélia para o seu irmãozinho de quatro anos, um irrequieto diabrête). — Vem dar a tua lição. Vamos!... Hoje tens feito muita cêra!»

— «Cêra... cêra?!...» — murmurava Joanito, intrigado, pensando no que significaria aquela palavra. Ele que não havia feito nada naquele dia!... Fazer cêra!... Estava bem de ver que êle não havia feito cêra!

Então, voltando-se para a irmã, perguntou-lhe um pouco zangado: — «Elita, eu fiz cêra!?!... Mas o que é fazer cêra!?!...»

— «Não sabes?! — (retorquiu-lhe a irmã) — Eu te explico: — Fazer cêra é... é não fazer nada».

— «Ah, sim?! — (proseguiu Joanito) — Pois então, Elita... (e chegando ao ouvido da irmã, ao mesmo tempo que a beijava e lhe fazia festas); Pois então deixa-me fazer cêra, muita cêra, deixas?!»

Correspondência

Assíduo leitor. — Muitos gratos pelos elogios que nos fazes, temos a participar-te que a tua proposta é inaceitável, pois a repetição dos contos e poesias a que te referes, sacrificaria a publicação de outros inéditos que, por este facto, têm mais interesse para a maioria dos leitores. As novelas, talvez, mais tarde, virão a ser publicadas em volume, visto os números do «Pim-Pam-Pum», em que foram publicadas, se encontrarem, há muito, esgotados.

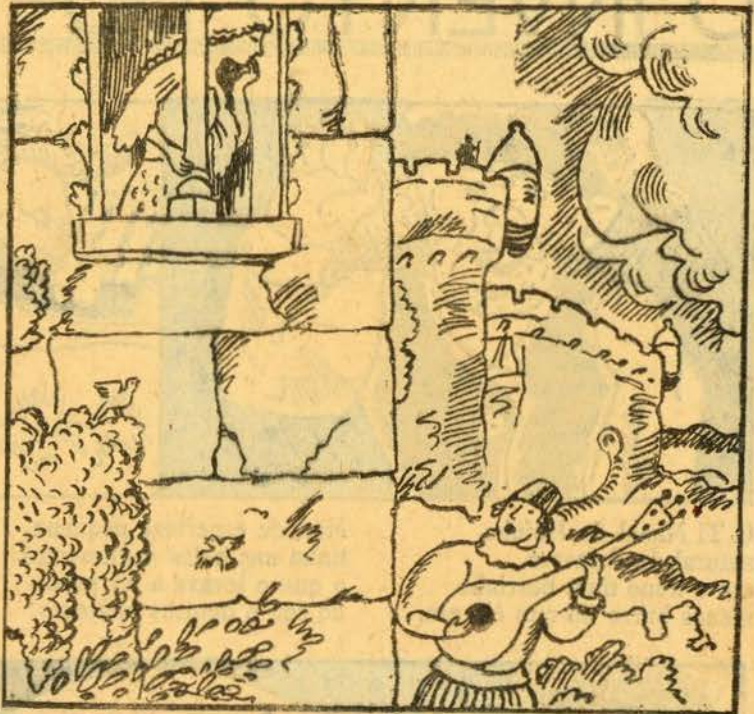
Antonitas. — O teu conto não pode ser publicado por ser excessivamente longo. Manda outros mais pequenos e verás, possivelmente, satisfeito o teu desejo.

Marco Polo. — As tuas charadas e problemas sairão a seu tempo.

Manoela S. V. — As tuas produções são muito fraquinhas. Mas, atendendo à tua idade, não deves desanimar. O Futuro a Deus pertence e àqueles que são dotados de força de vontade.

TIO-PAULO

PARA OS MENINOS COLORIREM



A ARANHA (Continuação da página 5)

morrerás! Receberás, porém, o justo castigo da tua estulta vaidade. Tu e todos os teus descendentes, hão-de tecer e fiar para sempre!»

A fiandeira sentiu, então, que deminuia, deminuia, deminuia, a olhos vistos, até ficar do tamanho duma môsa. Athenas transformara-a numa aranha!

Daquele dia em diante, ela e sua família vão fiando e tecendo mas os seus trabalhos são feitos com tal lentidão e sempre em lugares tam escuros, que bem pouca gente se apercebe das suas maravilhas.

JOSÉ GOURGEL

ADIVINHA



Meus meninos

Este porco conhece muito bem de vista um menino porcalhão.

Vejam se o descobrem.

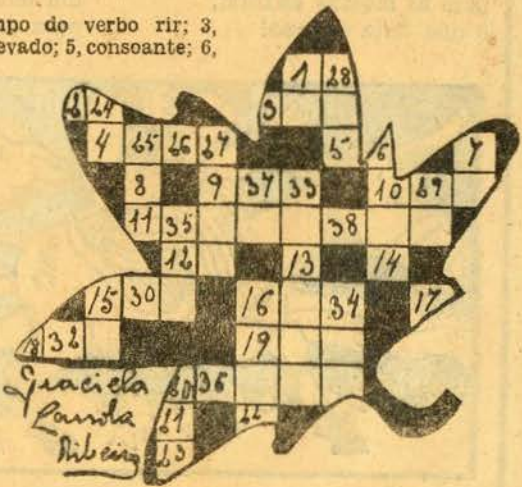
PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais

1, nota musical; 2, tempo do verbo rir; 3, advérbio de negação; 4, elevado; 5, consoante; 6, consoante; 7, consoante; 8, vogal; 9, tempo do verbo dar; 10, partida; 11, árvore que dá amoras; 12, passar de um lugar para outro; 13, consoante; 14, vogal; 25, o contrário de bem; 16, satélite; 17, vogal; 18, criado grave de pessoa de tratamento; 19, advérbio de lugar; 20, aves palmípedes; 21, vogal; 22, vogal; 23, vogal.

Verticais

2, consoante; 24, partida; 25, tempo do verbo lêr; 26, consoante; 27, cheiro; 3 consoante; 1, pêlo de carneiro; 28, contracção; 6, instrumento musical; 29, tempo do verbo dar; 7, advérbio de lugar; 33, um grande diário; 37, atmosfera; 35, numeral cardinal; 15, pedra de moinho; 30, vo-



gal; 16, folha de ferro delgada e estanhada; 17, vogal; 18, vogal; 32, vogal; 34, suspiros; 36, vogal; 38, vogal.

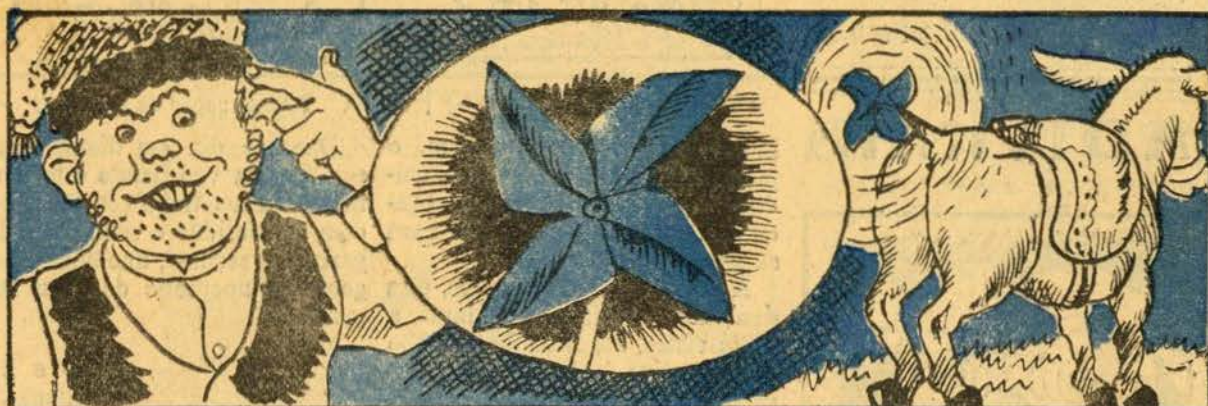
O INVENTO DO TI' MANEL



O Ti Manel do Moínho, natural de Palavera, era o dono dum burrinho menos burro do que ele era.

Mas, de esperteza pequena, tinha uns belos sentimentos, o que o levava a ter pena do seu e doutros jumentos.

Vendo que as môscas mordiam os burros a toda a hora, e que êstes jamais podiam mandar as môscas embora,



Ti Manel pôs-se a pensar num engenhoso processo para as môscas enxotar, o que faria sucesso!

E vai, pôi no burro dele, mesmo na ponta do rabo, um moínho de papel, para das môscas dar cabo.

Se bem pensou, melhor fez; ou, antes, se mal pensou; pois o burrinho, uma vez, do moínho não gostou.



Ê que êle, nesse momento, prêso por um alfinete, ao voar, num pé de vento, faz com que êste se lhe espete.

Ao senti-lo, o burro doi-se; e áquele dôr tão cruel, atira tamanho coice, que o pobre do Ti' Manel,

vendo as estrêlas de dia, dá ao diabo o invento e pensa porque o faria Deus mais burro que o jumento?